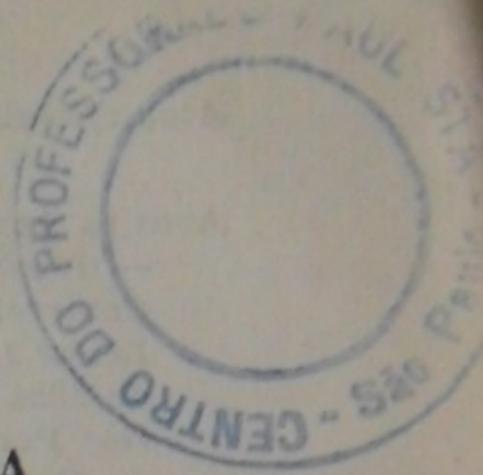


REVISTA BRASILEIRA
DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS



PUBLICADA PELO INSTITUTO NACIONAL
DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

VOL. XXI ABRIL-JUNHO, 1954 N.º 54



REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Vol. XXI

Abril-Junho, 1954

Nº 54

SUMÁRIO

| <i>Idéias e debates:</i> | <i>Págs.</i> | |
|--|--------------|-----|
| AFRÂNIO COUTINHO, O ensino de literatura no curso secundário | 3 | |
| ANÍSIO TEIXEIRA, A educação que nos convém | 16 | |
| CELSO KELLY, A educação na Assistência Técnica | 34 | |
| GUY LAZERGES, Como organizar o trabalho dos alunos no ensino das ciências físicas | 55 | |
| LÚCIA MARQUES PINHEIRO, Contribuições do cinema à psicologia e, em particular, à psicologia da criança | 72 | |
| <i>Documentação:</i> | | |
| ADALBERTO SERRA, A época das férias | 80 | |
| ETHEL BAUZER MEDEIROS, Plano de um manual de recreação para a escola elementar (com coletânea de jogos). | 86 | |
| <i>Vida educacional:</i> | | |
| A educação brasileira nos meses de janeiro a março de 1954 | 99 | |
| Informação do país | 113 | |
| Informação do estrangeiro | 121 | |
| ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAIS: <i>Helena Antipoff</i> , O problema dos retardados mentais na escola primária e secundária; <i>Inezil Pena Marinho</i> , A educação física no Brasil em face dos interesses do Estado; <i>Joseph Stokes</i> , A grande experiência educacional de São José dos Campos; <i>Rosalvo Florentino</i> , Retrospecto do ensino em São Paulo | | 123 |

Atos oficiais:

Págs.

ATOS DA ADMINISTRAÇÃO FEDERAL: Decreto nº 35.247, de 24 de março de 1954 — *Institui a Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial*; Decreto nº 35.311, de 2 de abril de 1954 — *Regulamenta a Lei nº 1.889, de 13 de junho de 1953*; Portaria nº 134, de 25 de fevereiro de 1954 — *Descentraliza os serviços de inspeção do ensino secundário*; Portaria nº 170, de 26 de março de 1954 — *Aprova o Regimento da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário* 177

CONTRIBUIÇÕES DO CINEMA À PSICOLOGIA E, EM PARTICULAR, À PSICOLOGIA DA CRIANÇA

LÚCIA MARQUES PINHEIRO
Do I.N.E.P.

O cinema vem sendo utilizado, há algum tempo, nos estudos da Psicologia da Criança, sob a forma de técnica documentária. Representa, nesse caso, um auxiliar do método de observação controlada. O filme, permitindo fixar de modo permanente as reações, cria uma condição que equivale praticamente a um "refazer" a observação ou a experiência, para efeitos de estudo, com o mesmo sujeito e a mesma situação (o que de outra forma é impossível, pois as condições de tempo, do sujeito, do ambiente, introduzem elementos de variação inevitável). E mais, dá oportunidade de realizá-lo quantas vezes se queira, o que vem oferecer ocasião para um estudo acurado de cada particularidade da situação e da resposta.

Por outro lado, já não mais como instrumento útil à técnica de pesquisa, mas como meio auxiliar de ensino de Psicologia Infantil, o cinema vem sendo usado com êxito, com o fim, por exemplo, de dar uma visão rápida e concreta do desenvolvimento psicológico normal, ou deficitário, perturbado por condições desfavoráveis.

Vimos na Universidade de Paris o resultado apreciável a que pode levar essa utilização. Estudava-se o problema das diferenças individuais e foi-nos exibido um filme de Gesell sobre o comportamento das gêmeas que foram objeto de vários de seus trabalhos.

Nêle se via a diferença de comportamento entre essas duas meninas, do ponto de vista social, caracterológico. Se uma mostrava iniciativa e independência, na outra se verificava a preocupação com as reações da irmã e com a aprovação do psicólogo. Se uma parecia sempre à vontade e interessada em qualquer situação de prova, na outra observávamos por vezes constrangimento, uma certa timidez, um desejo possivelmente de não estar em foco. Quando o filme terminou com as palavras de Gesell: "Os gêmeos são individualidades", a frase ficou para

nós não como um refrão mais ou menos vazio, mas rica de conteúdo vivo.

Mais interessante ainda foi um segundo filme que nos foi mostrado. Tratava êste de um novo método de recuperação de crianças que sofreram longamente a influência desfavorável de uma vida sem assistência afetiva, em asilos e instituições no gênero. Nenhuma palavra nos poderia ter produzido o efeito desse documentário, no sentido de fazer compreender o problema e, mais, de criar interesse por êle. Foi impressionante seguir o grupo de crianças estudadas, desde quando foram pela primeira vez fixadas pelo psicólogo, até o momento em que puderam ser integradas numa vida normal de criança, num Jardim da Infância. A reprodução dos fatos reais exprimia de modo marcante a degradação humana causada pela falta de assistência afetiva na criança. Uma coisa é saber que medidas psicológicas revelaram uma baixa apreciável do quociente intelectual em crianças que passaram por essa situação, ou ter conhecimento de que se verificou nelas uma perda de peso, objetivamente apreciada, outra era ver o pauperismo físico a que ficaram reduzidas, o desinteresse total e anormal que revelaram, mesmo diante de um objeto que se lhes oferecia, o alheamento e, por vezes, o medo que mostravam diante de qualquer pessoa que se aproximava, enfim a resistência passiva, os acessos de revolta, de cólera cega que se apresentavam em algumas, em face do menor gesto humano no sentido de levá-las a alimentar-se ou simplesmente de tomá-las nos braços. Experimentamos mais ou menos a sensação produzida pelo resultado dos tormentos dos campos de concentração, ao contemplarmos essas criancinhas esqueléticas, de olhar vago e sem vida, a repetirem os mesmos movimentos de balancear do corpo, incessantemente. Os recursos e as fases da recuperação, os resultados desse trabalho, tudo isso foi para nós uma lição não só sobre as vias a tentar nesse setor, mas uma ampla experiência cheia de sugestões sobre as condições do desenvolvimento afetivo infantil. E ainda, como efeito motivador para estudos e trabalhos neste assunto, nenhum outro meio teria talvez a influência dêste. Se nos tivessem indagado, após a exibição do filme, quem desejaria colaborar em estudos ou trabalhos nesse setor, creio que a quase totalidade dos alunos se teria apresentado.

Isto é o que chamariamos a contribuição indireta do cinema à Psicologia da Criança, através do levantamento do interesse e do esclarecimento de determinados assuntos.

Sob um outro aspecto a cinematografia vem se ligando estreitamente à Psicologia — é o do estudo sistemático dos efeitos do cinema sobre o espectador infantil e juvenil, do ponto de

vista intelectual, afetivo, moral. Diversos trabalhos vêm sendo realizados nesse sentido por instituições especializadas nos Estados Unidos, em Praga, em Paris e em Berlim. Em Veneza, em 1950, e em Milão, em 1952, realizaram-se, mesmo, congressos internacionais sobre o problema do cinema para crianças.

Um certo número de condições foram já estudadas com o fim de estabelecer as características desejáveis aos filmes para a idade infantil. Se, de um lado, se parte, nesse estudo, dos conhecimentos que a Psicologia da Infância já conquistou, de outro, graças ao controle preciso do comportamento da criança nesta ou naquela situação definida, tais trabalhos fazem avançar a própria Psicologia da Infância. Assim, o estudo das condições de inteligibilidade de filmes para crianças de várias idades (possibilidade de identificação dos personagens, graças à redução do seu número e à caracterização precisa; respeito à seqüência temporal, expresso na preocupação de apresentar ações completas e, não, subentendidas; fixação clara dos locais, numa emolduração exata da ação), é rico de ensinamentos sobre as características do psiquismo infantil. É fácil compreender como tal estudo vem oferecer-nos elementos para o conhecimento da criança, em parte já descobertos por outras vias, mas que se aprofundam e enriquecem com tais observações e experiências. Assim, dêsse âmbito, de certo modo restrito, que é o conhecimento da criança em face do cinema, irão resultando investigações de utilização mais ampla, que poderão ser aplicadas não só ao problema da produção e seleção de filmes para a fase infantil, mas ainda às práticas de educação para esse período.

Na França, vem de iniciar-se um trabalho da maior amplitude, nesse domínio. Trata-se de uma iniciativa de "Centro Internacional da Infância", destinada a fixar as características desejáveis aos filmes recreativos para as crianças, e a estimular uma produção especializada nesse sentido. A pesquisa abrangerá 2.000 crianças parisienses de 7 a 12 anos, e se reveste da forma de um concurso. Será exibido para essas crianças (separadas por sexo, classes de idade, escola de procedência, e formando grupos de 150 aproximadamente) um certo número de filmes, previamente selecionados por um júri de adultos, e produzidos expressamente para a infância ou julgados apropriados para ela. Tais filmes foram antes estudados com toda a minúcia, em cada uma de suas cenas, de modo a permitir a observação das reações das crianças às várias situações apresentadas. Os espectadores infantis devem indicar os filmes que preferiram, isto é, que "desejariam rever".

Escusado é dizer que tôdas as precauções foram tomadas a fim de criar as condições mais adequadas para afastar as causas de erro. Assim, os filmes são comparados dois a dois, identificados por uma fotografia representando uma de suas cenas características; a ordem da sua apresentação varia para o mesmo tipo de grupo de crianças; os filmes com iguais características, (desenhos animados, por exemplo) são reunidos para serem exibidos numa mesma sessão. No final, as crianças cujo julgamento corresponder mais de perto ao do grupo total farão a última seleção, a qual fixará "o melhor filme para crianças". A finalidade exterior é, como se vê, um estímulo ao produtor cinematográfico, mas o grande objetivo do psicólogo é determinar as qualidades de um bom filme infantil, partindo da consideração de que, dentre o que já foi selecionado pelo adulto pelos demais critérios julgados desejáveis, e em se tratando de um filme recreativo, o que é decisivo como critério é o fato de o filme agradar à criança.

Para determiná-lo não somente são considerados os votos dos pequenos espectadores, mas toda uma série de reações infantis que diante dos filmes são fixadas e estudadas. Assim, fotografias do auditório, tiradas em infra-vermelho, são feitas durante a projeção, em momentos considerados como especialmente interessantes. Por meio de aparelhagem própria, são isoladas e registradas tôdas as manifestações sonoras infantis: gargalhadas, gritos, comentários. Em algumas poltronas, psicogalvanômetros e actógrafos registram as reações emotivas e motrizes das crianças. Certo número de observadores, encarregados cada um de um grupo, fixam as reações coletivas e as de indivíduos particularmente interessantes, inclusive com o intuito de permitir apreciar os sons registrados. Esse trabalho é completado por entrevistas individuais, após as projeções, as quais têm por finalidade estabelecer as motivações das escolhas feitas e, conseqüentemente, aprofundar o conhecimento das razões de agrado dos filmes. Um júri de adultos funcionará ainda, permitindo estudar a compreensão que o adulto considerado competente tem da criança.

Os resultados serão estudados comparativamente por idade e sexo. Com os dados obtidos, pretende-se preparar a organização de outras pesquisas, sob critérios ainda mais seguros, tendo em vista o que essa primeira experiência esclarecer. Concursos semelhantes serão feitos, inclusive em outros países, com o objetivo de verificar se há ou não diferenças importantes advindas da diversidade de meios. O material sofrerá ainda os tratamentos que forem julgados interessantes.

Graças à gentileza do organizador da pesquisa, Prof. René Zazzo, diretor da Escola de Altos Estudos e membro do Instituto de Filmologia da Universidade de Paris, pudemos assistir a algumas sessões desse trabalho. Além de verificar o aparelhamento experimental, detivemo-nos na observação das reações infantis, especialmente a mímica facial.

Procuramos fixar nossa atenção em um grupo menor ainda do que o que cabe aos psicólogos encarregados da observação, os quais têm objetivos bastante precisos em vista. Após um certo período, em que buscamos integrar-nos no espírito da experiência para poder ter uma noção do uso dessas novas técnicas de investigação, desviamo-nos para uma observação mais assistemática, com a intenção de procurar ver todos os aspectos do comportamento que a situação de auditório de um filme determina, e que será útil estudar.

Desde logo nos impressionou a diversidade de reações, e não só entre os diversos grupos de idade ou sexo, as quais levaram o organizador da pesquisa a nos dizer que cada auditório é diferente dos demais, mas dentro mesmo de um grupo organizado justamente de modo a ser relativamente homogêneo. Assim, no interior de um grupo de meninos de 9 a 10 anos, por exemplo, notamos essa diversidade.

De um modo geral, em presença de uma mesma cena as reações da maioria eram as mesmas: riso, sorriso, atenção concentrada, expectativa, tensão, entusiasmo. No entanto, determinados elementos se destacavam, já apresentando uma forma diversa de reação, já por revelarem o mesmo tipo de comportamento do grupo mas numa intensidade diferente. Assim, havia crianças que, em cenas cômicas, tomadas como tais pelo grupo em geral, não tinham a reação normal de riso, ou do mero sorrir, e nem sequer um "facies" tranqüilo, mas revelavam uma mímica de tensão, de apreensão. Situações de expectativa, de perseguição, que na maioria provocavam uma tensão mediana, criavam em algumas reações realmente exageradas, como roer as unhas, encolher-se na cadeira, tapar o rosto, etc.

Observações desse gênero poderão servir de base para um controle experimental das reações infantis, principalmente se estabelecermos previamente, e apresentarmos já os estímulos em face dos quais nos interessa conhecer as reações. O estudo da validade da interpretação desses comportamentos por meio de correlação com o resultado da observação, da aplicação de outras provas psicológicas e do confronto com os antecedentes da criança, nos parece uma via nova a tentar, e que poderá trazer uma preciosa contribuição à Psicologia da Infância.

O cinema nos poderá permitir, cremos, realizar uma sondagem rápida das crianças especialmente emotivas, que se poderiam fixar desde o início do ano, com grande vantagem para o trabalho educativo, bem como das deficitárias da emotividade.

Algumas das reações, já agora não apenas individuais, mas de todo um grupo, nos parecem ricas de sugestões. Consideremos, por exemplo, o fato seguinte: Num dos filmes, aliás uma comédia, havia um personagem, Gedeão, apresentado como um ser ridículo, meio atoleimado, e sobretudo inofensivo. Quando apareceu em cena, andando, falando, conduzindo-se como tal, em todo o grupo de crianças notou-se uma mímica de relaxamento, de simpatia, um ar divertido. Seguiram-se peripécias que referiam como Gedeão procurou penetrar num reduto de onde um grupo de crianças desejava afastar os adultos, porque lá se brincava de animais selvagens. Ele insiste em seu propósito, e então os garotos se esforçam, com truques e pequenas brincadeiras que resultam em tombos e sustos para Gedeão, em afastá-lo de lá. Os espectadores infantis se integraram completamente na personalidade dos garotos e se divertiram com as agruras do personagem adulto. No final, Gedeão tem um lampejo de inteligência, e desconfiado de quem são os autores das façanhas, interroga-os diante da mãe dos meninos.

Foi impressionante ver a reação do pequeno grupo por nós observado: em ninguém vimos uma expressão de segurança na superioridade intelectual dos garotos, comprovada durante todo o filme. Todos revelaram uma grande tensão e uma verdadeira vivência da situação suposta dos personagens do filme, medrosos de serem descobertos, a qual não nos parecia fundamentada na atitude dos heróis do filme.

Revelaria essa reação um medo, sem fundamento objetivo, na argúcia de Gedeão? Seria a presença da mãe (personagem, aliás, sem nenhuma caracterização psicológica) a causa da tensão infantil? Haveria aí uma certa noção de fatalidade com que as faltas infantis são descobertas? Uma impressão de que, pelo contrário, há um acaso regendo tudo e de que por isso, apesar da superioridade dos meninos, Gedeão poderia vencer? Seria o grupo por nós observado muito pequeno, selecionado nesse particular e composto de crianças submetidas a um regime de autoridade, de castigos? Outras crianças, submetidas a um regime de compreensão, teriam reagido diferentemente?

Tudo isso são problemas que a apresentação de certas situações no cinema poderia contribuir a esclarecer, aliada a outras técnicas, evidentemente. Diante do filme a criança está numa situação privilegiada, porque inteiramente integrada nele,

por consequência despreocupada do fato de estar sendo observada e, por outro lado, com seus mecanismos de projeção e de identificação aos personagens em plena atividade.

Tanto como fonte de sugestão de hipótese em psicologia, como em sua verificação experimental, o cinema está talvez fadado a representar um grande papel de técnica auxiliar na pesquisa psicológica. Esse papel nos parece especialmente apreciável em Psicologia Infantil, por isso que na criança as reações são extremamente claras e manifestas, revelam-se ao exterior de maneira ampla e inteira, na mímica facial, nos gestos, nos comentários, no riso, no sorriso, no choro.

Com recursos de aparelhagem experimental, tais como os utilizados na experiência que relatamos, pode-se atingir a medida objetiva de alguns desses aspectos (Para o estudo da mímica facial poder-se-ia utilizar o próprio cinema, em vez da fotografia).

Estudando o problema das reações e sua medida, capacitamo-nos das imensas possibilidades que existem para o uso do cinema como técnica metodológica nesse campo. Sabemos, por exemplo, pelos estudos de Mall que uma pessoa que se interessa por mecânica apresenta o reflexo psicogalvânico em presença de máquinas em movimento, e que uma criança o revela diante de uma cena de animais que brincam. Jacob mediu a pressão arterial de indivíduos em face de cenas de amor ou de situações destinadas a provocarem cólera e medo, notando alterações apreciáveis. São conhecidos os mecanismos de identificação do espectador a certos personagens. Wodsworth acentua como, durante a projeção de um filme, o indivíduo se abandona à situação. As emoções variam, num mesmo indivíduo, de acordo com a significação que o estímulo assume para ele. Todo um acervo de experiências passadas e de interesses presentes vem à tona e forma um todo com o estímulo apresentado, o qual é refratado, por assim dizer, pelo prisma que é o organismo que o apreende.

É assim que vemos no cinema pessoas chorarem diante de cenas que, na maioria, não provocam uma descarga emocional tão intensa. Nestes casos, parece existir sempre, ao lado de características de temperamento, de condições gerais de emotividade, um componente importante que vem da própria história passada ou atual do sujeito. Tivemos uma pequena amostra desse sentido com o filme "Teresa", no qual se retratava como as condições de vida passada do personagem principal e a influência presente de sua genitora iam-lhe arruinando o casamento, com isso arrastando também o futuro da jovem esposa. Pois bem, o filme provocou uma reação intensa em certas pessoas que vivem ou temem um problema semelhante.

Evidentemente, no que relatamos, trata-se de observações pouco numerosas, ainda sem o controle necessário. Elas nos parecem suficientes, contudo, para fundamentar a hipótese de que, estudando os estímulos a apresentar, de acordo com as situações que mais frequentemente são responsáveis pelos desajustes emocionais, e entremeando essas situações com espaços neutros de filme, teríamos talvez a oportunidade de chegar a uma nova espécie de teste projetivo, de tipo não verbal (com uma forma especial para crianças), o qual, pelas possibilidades que ofereceria de um estudo objetivo, inclusive de ordem fisiológica, apresentaria vantagens apreciáveis. Ele daria, inclusive, um ponto de partida mais seguro para a orientação das entrevistas, dos estudos do meio, da constelação familiar.

Com efeito, o mecanismo de projeção, que se supõe existir em testes como a TAT, por exemplo (mas cujo alcance parece reduzido, conforme vários estudos sobre a validade dessas provas) se revelaria aí, cremos, de modo mais nítido e puro.

Igualmente no estudo dos interesses próprios dos vários períodos e, mesmo, individuais, a reação em face de filmes, escolhidos ou preparados especialmente para tal fim, nos parece um elemento interessante de estudo.

Outro campo favorável para essa aplicação do cinema seria o de vivência emocional de certas situações e valores (principalmente morais), bem como o estudo de atitudes nesses setores.

Nesse estudo sobre os interesses, as condições gerais da emotividade, como auxílio na fixação dos desajustados (inclusive do setor em que esse desequilíbrio se verifica), além de no do desenvolvimento intelectual, e em Psicoterapia o cinema nos parece uma via altamente promissora para a Psicologia.

Foi em vista da importância dessas novas perspectivas que se abrem à Psicologia que escolhemos este tema para esta rápida exposição.